





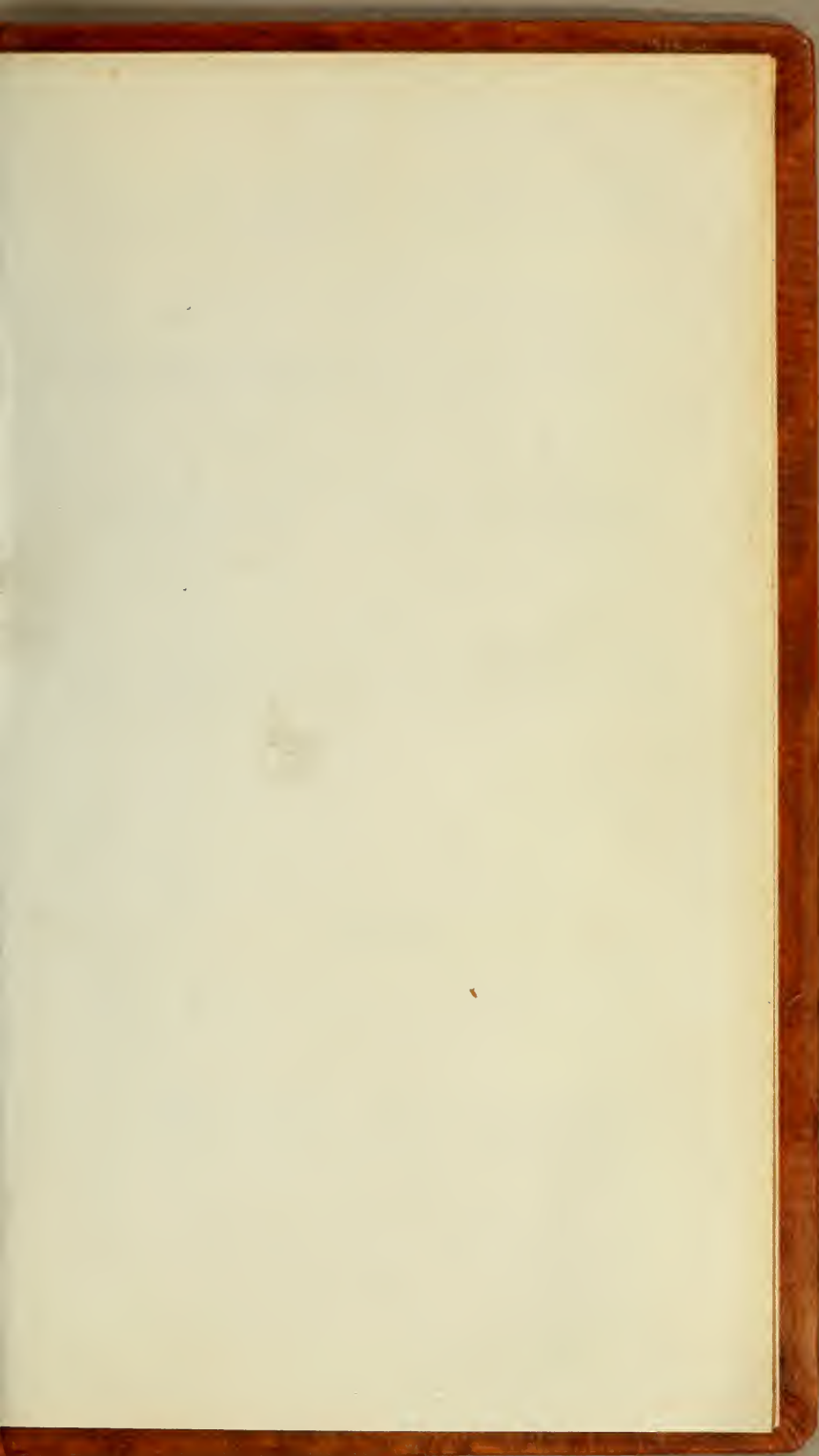
John Carter Brown  
Library  
Brown University

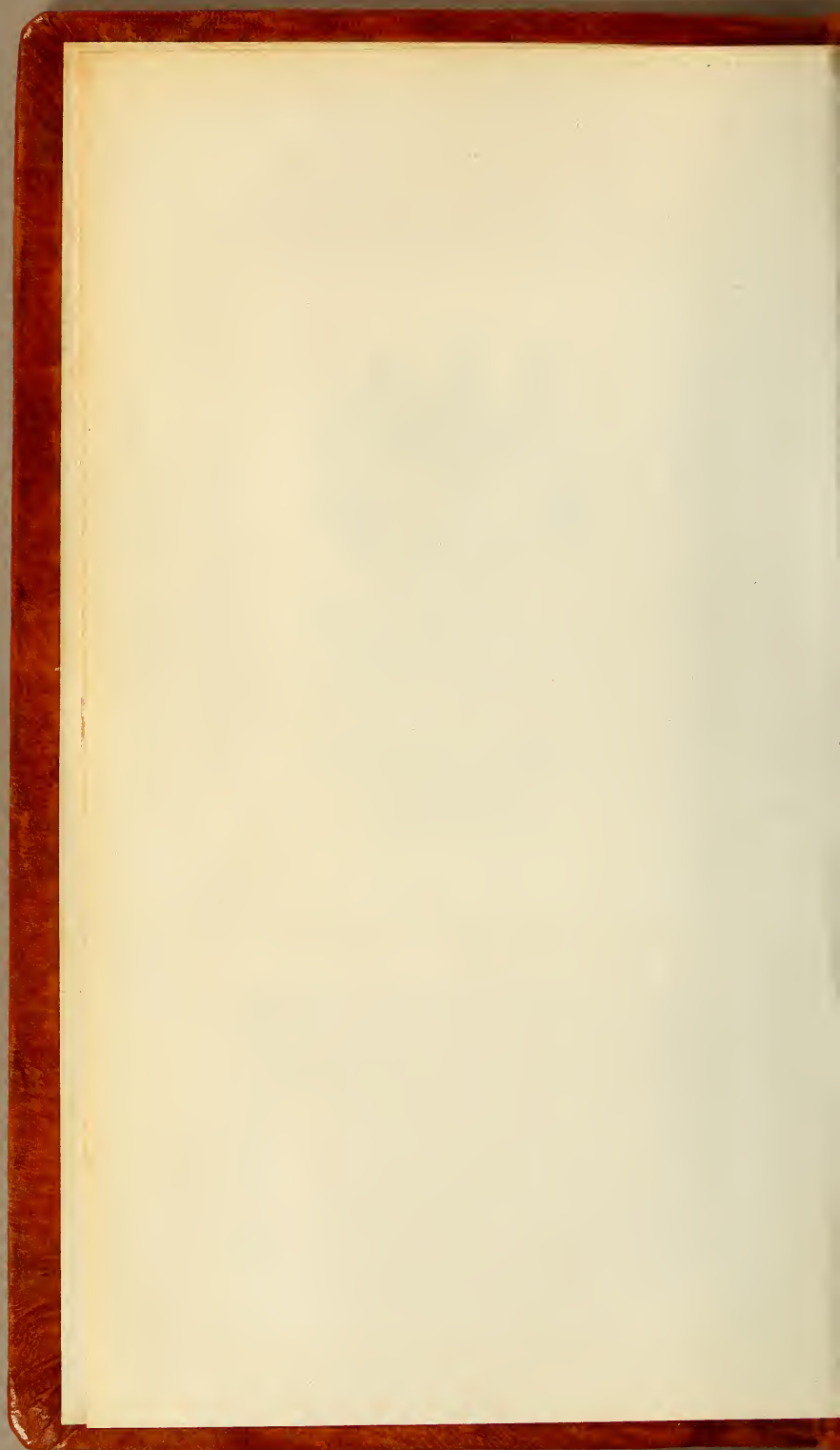
The John Carter Brown Library

Brown University

Purchased from the

Louisa D. Sharpe Metcalf Fund





352

# ENCOMIO POETICO

A O

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. MARCOS DE NORONHA,

CONDE D'ARCOS,

SENDO ELEITO

GOVERNADOR, E CAPITÃO GENERAL

DA BAHIA.

---

*Por Fr. Francisco de Paula Santa Gertrudes Magna,  
Monge Benedictino: e dado á luz por hum seu amigo.*



RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA.

1812.

*Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.*



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

353

---

**Q**UE sonoro clamor, que som jucundo  
Será este, que atroa, e espanta o mundo?  
Que aligera Matróna tão formosa  
He esta, que diviso magestosa?  
Sobre os Euros voando accelerada,  
De auríferas perpetuas coroada?  
Da linda côr do Ceo toda vestida,  
Com brancas niveas azas guarneçada?  
O rosto alegre, a roupa fluctuante,  
E na dextra o clarim altisonante? 10  
AH! sim, tu és, oh bella, oh cara Fama.  
Vinde, povos, correi: ella vos chama:  
Escutai os louvores, que publica;  
Pois a tuba sonora á boca applica.  
Admirai (vos diz ella em tom valente)  
O mimo, que vos manda o Ceo clemente.  
O Varão, a quem deo com primasia  
O regimen excelso da Bahia,  
He hum sabio politico profundo,  
Bem capaz de reger, dar leis ao mundo, 20,  
Hum Aulico varão de probidade,  
Que accitando das mãos da Magestade

As redeas dos Governos mais honrosos  
Se ostentou em mil feitos gloriosos  
Integerrimo, heroico, astuto, activo,  
De si mesmo senhor, das leis captivo.  
Hum constante sequaz da recta Astréa,  
Em cujo coração arde, e se atêa  
Do bem publico o zelo abrasador,  
Hum prudente, efficaz Governador, 30  
Que o feio crime pune com prudencia,  
Ouve os tristes gemidos da innocencia,  
Quebra a espada homicida, o impio aterra,  
Da calumnia mordaz a boca cerra,  
Prende as avidas mãos do latrocinio,  
Calca aos pés o damnoso patrocínio,  
E com altas, sublimes providencias  
As Artes estimula, anima as Siencias,  
Uteis planos na mente excelsa traça  
Do Commercio os canaes desembáraça, 40  
Augmenta as produções da Agricultura,  
E grangêa ao Paiz alta ventura.  
He dos povos hum terno bemfeitor,  
Dos Tribunaes fiel moderador,  
Que, regrando a legal auctoridade  
Pela recta balança da equidade,  
Cinge a Corôa á virtude, enfrea o vicio,  
Faz a terra ditosa, o Ceo propicio.  
He o Conde Illustrissimo dos Arcos  
O magnanimo, o inclyto Dom MARCOS... 50  
Aqui a Fama a voz tanto forçou.



364

Que entre as mãos a trombeta lhe estalou.  
 Mas que Genio, que Vate sublimado,  
 Na Castalia corrente inebriado,  
 Cantar pôde hum louvor assás honroso  
 A tão sublime Heroe, tão glorioso?  
 Ah! Que não tenha eu a melodia,  
 Com que o Tracio Cantor penhas movia!  
 As indomitas feras amansava,  
 Os troncos, e montanhas arrastava! 60  
 Altos muros, Cidades erigia,  
 E no horrido Averno suspendia  
 A tristeza, o terror, a confusão!  
 Mas se hum simples furor, se a indignação  
 Promptos versos dictou a hum Juvenal;  
 Não fará hoje em mim effeito igual  
 O justo amor de hum merito sublime,  
 Que da Fama o clarim ao mundo exprime?  
 Sim, afoito a meu plectro a mão lançando,  
 E sem timido pejo a voz soltando, 70  
 Como ecco da Fama eu principio  
 Do grande Heroe o debito elogio.  
 Se hum prudente Varão, que assim governa,  
 Se faz digno de gloria sempiterna,  
 E ter deve por seu merecimento  
 No Templo da Memoria hum alto assento,  
 A par desses Heroes, raios de Marte,  
 Que por terra, ou por mar, em toda a parte,  
 Animosos por entre mil perigos,  
 Arrostando da Patria os inimigos, 80

Com Mavorcio valor os derrotarão,  
E com gloria o seu nome abrilhantarão:  
Se das Musas o canto mais pomposo,  
E da Patria o louvor mais glorioso  
Gozar deve hum Heroe justo, e prudente,  
Que os povos rege sabia, e destramente;  
Vós, Musas immortaes, Estros divinos,  
Vinde, vinde inspirar-me excelsos hymnos,  
Que engrandeção, que elevem com espanto  
O sublime Varão, que eu hoje canto. 90  
E vós, divino Apollo, ardente Nume,  
Que os Vates inflamais no sacro lume:  
Vós, auctor da canora Poesia  
(Arte excelsa, que em metrica harmonia  
Com brilhantes, altissimos conceitos  
Dos Heroes eternisa os grandes feitos,  
E co' magico assento dos seus hymnos  
Os caducos mortaes torna divinos)  
Prestai-me o vosso plectro harmonioso,  
Com que possa cantar o nome honroso 100  
Deste Chefe exemplar nos seus governos,  
Que o Ceo já destinou para reger-nos.  
Mas que scena brilhante se me off'rece!  
Que Deidade a meus olhos apparece!  
Apollo de Camenas rodeado,  
N' hum carro brillantissimo, tirado  
Por valentes Frisões, socios de Ethonte,  
Lá desce do Castalio, excelso monte,  
A sacra eburnea lira temperando:

3  
Sobre o nosso horizonte vem marchando. 110

Oh como vem tão bello, e tão risonho!

Mas que vejo! Que he isto? Será sonho?

Não, não he illusão, não he engano.

Das Camenas o Nume Soberano,

Chegando a mim com gesto gracioso,

Sustendo o veloz carro luminoso,

Me entrega o Tetracordo temperado;

E deixando Calliope a meu lado,

Ao Pindo se recolhe velozmente,

Seguindo a lactea via refulgente. 120

Que dita o Sacro Apollo me segura!

Calliope a meu lado... Oh que ventura!

Vinde, vinde, pacificos Bahianos,

Restos nobres de antigos Lusitanos,

Vinde entoar comigo hum novo canto,

Que os dous Orbes atroe, encha de espanto.

Eis a lira celeste, aurea, e sonora

Desse Deos immortal, que o Pindo adora:

Ao som de tão melodico instrumento

Cantai o singular merecimento 130

Desse Conde, exemplar de humanidade,

Do Throno arrimo, espelho da equidade,

Da Nobreza esplendor, da Patria lustre,

Que as virtudes herdou com o sangue illustre

De seus Avós preclaros tão famosos,

Dos inclitos Noronhas gloriosos,

Que abrangem por divisa em seus brasões

Arrogantes castellos, e Leões



Como prole antiquissima , e Real  
Dos Monarcas de Hespanha , e Portugal , 140  
Stirpe excelsa de Heroes recém-laçada  
Com a egregia Familia celebrada  
Nos fastos Hespanhoes , e Portuguezes ,  
Com a inclita Prole dos Menezes ;  
Cujó sangue por feitos illustrado ,  
Nos seculos remotos dimanado  
Do alto , e Regio Solio de Leão ,  
Concorrendo enlaçado em geração  
Com o Sangue preclarissimo , e Real  
D'altos Reis de Navarra , e Portugal , 150  
Ostentou seus influxos poderosos  
Nos grandes Marialvas façanhosos ,  
Como a Hespanha assombrada vio mil vezes  
No bravo Dom Antonio de Menezes ,  
Varão inseparavel da victoria ,  
Que o Reino Luzo encheo de immensa gloria ,  
Heroe , a cujo nome poderoso  
Teme o Hispano inimigo inda medroso ;  
Pois mil vezes na horrida Campanha  
A cerviz abateo da altiva Hespanha : 160  
Já , qual raio veloz devastador ,  
Rompendo as linhas d'Elvas com valor ,  
E ganhando a campal , feliz victoria  
Que seu nome esmaltou de eterna gloria :  
Já tomando de assalto em arduas guerras  
A Valença de Alcantra , e varias terras :  
Já c'roando seus meritos preclaros



4  
Na victoria alcançada em Montes daros,  
Onde a Hespanha orgulhosa em fim vencida,  
Suas armas depôz esmorecida. 170

Mas em vão, Musa minha, as azas bates,  
Se numerar pertendes os combates,  
Em que as palmas colherão da victoria  
Este, e outros Avós de eterna gloria,  
Que o Tempo assolador aos pés calcando,  
E da Parca inflexivel triunfando,  
Sobre as azas do grande, e heroico exemplo  
Subirão da Memoria ao sacro Templo.

Deixa, Musa, do Conde a gloria herdada  
Da sua alta Ascendencia abrilhantada: 180

Não, não firmes jámais os teus louvores  
Nas façanhas de seus Progenitores;  
Que o illustre brasão das grandes almas  
*Não se deve tecer de herdadas palmas;*  
Nem o nobre esplendor do nascimento  
Prestar póde immortal merecimento.

A mesma voz da candida verdade  
Altamente nos grita, e persuade,  
Que se o Nobre por si nada merece,  
Quanta mais honra herdou, mais se invilece, 190

Que sem virtude a egregia Fidalguia,  
A pezar da vã pompa, e da ufanía,  
Com que a plebe grosseira, e rude assombra,  
Tem menos realidade, do que a sombra:  
Esta ao menos he hum nada, que se vê;  
Parece alguma coisa, e nada he:

Mas a herdada. Nobreza sem virtude ,  
Que os esquentados cerebros illude ,  
He hum nada enganoso , hereditario ,  
Só visivel no mundo imaginario. 200

Em bora exaltem outros a grandeza  
Dos soberbos fantasmas de nobreza ,  
Desses Grandes do mundo , semelhantes  
A'quelles altos montes arrogantes ,  
Sempre inuteis , estereis , sem cultura ,  
Que de grandes só tem a enorme altura ;  
Rudes massas bem dignas de desprezo ,  
Que a terra opprimem sempre com seu pezo ,  
E tornão com a sombra infructuosos  
Os seus proximos valles espaçosos. 210

Eu jámais louvarei os braços futeis  
De algum desses varões á Patria inuteis ,  
Que á sombra de seus troncos elevados ,  
No regaço da inercia reclinados ,  
As fronte cingem de vetustos louros ,  
E da Patria desfructão mil thesouros ,  
Graças , Titulos , honras , e favores ,  
Merecidos por seus progenitores ,  
Durmão pois no profundo esquecimento  
Os Illustres Varões por nascimento , 220  
Que devendo deixar exemplos raros  
D'altos feitos , de meritos preclaros ,  
Que resistão da Parca ao duro corte ;  
Não deixão mais , que pó nas mãos da Morte.  
Eu canto hum Conde Illustre , egregio , inteiro ,

I

Nos Governos Heroe , de Heroes herdeiro ,  
Que se Grande sahio por nascimento ,  
Maior se fez por seu merecimento.  
Sólta , Musa canora , os teus louyores ,  
Falla : mas não : suspende os teus clamores. 230  
Falle o grande Pará , que inda saudoso  
Do seu justo governo precioso ,  
Inda chora , e lamenta inconsolavel  
A sua infausta perda irreparavel ;  
Conservando nos gratos corações  
Mil bellos monumentos , mil padrões ,  
Erguidos a tão caro bemfeitor  
Pelas mãos do mais grato , ardente amor ,  
Monumentos mais fortes , mais seguros ,  
Que os jaspes , que os metaes , que os bronzes  
duros. 240

Falle a Corte Real Americana ,  
Hoje assento da Crôa Lusitana ,  
Que ao clarão da lucifera exp'riencia  
O vio mover com zelo , e com prudencia  
A fulminante espada da Justiça ,  
Cortar da horrenda hydra da cubiça  
As avidas cabeças pululantes ,  
Derribar torpes vicios dominantes ,  
E vellar pelo publico socego ,  
Mostrando-se em tão alto , honroso Emprego 250  
O mais bello exemplar dos Vice-Reis ,  
Eficaz zelador das Patrias leis.  
Cante em fim seu louvor em tom jucundo



A Lisia , o Portugal , o novo Mundo ,  
Onde brilhando voa , e se derrama  
Sobre as azas altisonas da Fama  
O Nome de hum Heroe tão exemplar ,  
Que no governo vem resuscitar  
As virtudes heroicas , eminentes ,  
Que ostentarão seus nobres Ascendentes : 260  
O Quarto , o preclarissimo Dom MARCOS,  
Sexto Conde , com Titulo dos Arcos ,  
Varão douto , politico        profundo  
Capaz de dirigir os Reis do mundo ;  
E o nobre Dom Rodrigo de Menezes ,  
Honra , e gloria dos Grandes Portuguezes ,  
Varão digno do credito immortal  
Q'inda tem nesta vasta Capital ,  
Onde restão brilhantes monumentos  
Da piedade exemplar , zelo , e talentos , 270  
Que tanto no governo o distinguirão ,  
E de esplendida gloria o revestirão.  
Alegra-te , Bahia , exalta a frente ;  
Pois verás em teu seio brevemente  
Hum Heroe , que reune os altos meritos  
De tantos Ascendentes benemeritos.  
Já do Throno emanou a escolha justa ,  
Já o Conde osculou a Mão Augusta.  
A Lisia Americana o vio saudosa ,  
Entrar na Regia Náo , que já vaidosa    280  
C'o thezouro riquissimo , que encera ,  
O curvo o ferro guinda , larga a terra ,



E já soltando aos Euros todo o panno ,  
Vem sulcando esse tumido Oceano ,  
Que debaixo da curva, e ferrea quilha  
Co' pezo deste Heroc geme, e se humilha.  
Mas que ouço ? Que salvas estrondosas  
Retumbão nestas margens espaçosas ?  
Alviçaras , Bahia ; que he chegado  
O teu Governador tão suspirado. 290

Já na barra se avista a Náo possante ,  
E sobre o mastro a flamula volante :  
Já os Fortes por bocas de canhões  
O salvão com belligeros trovões.  
Ao crebro trovejar do bronze ardente  
Acode alvoroçada a incauta gente.  
Que scena já diviso tão vistosa  
Nesta vasta Metropole famosa !  
Exultão com razão seus habitantes ;  
O prazer resplandece nos semblantes. 300  
Que novo , que geral contêntamento !  
Tudo vejo em acção, em movimento :  
São vivas , repiques festivaes ,  
Ouço caixas , trombetas Márciaes ,  
A cujos valentissimos accentos  
Marchão destros , armados Regimentos ,  
Formados em bellissimas fileiras ,  
Arvorando as belligeras bandeiras.  
Já concorre o Senado com presteza ,  
O Clero , os Magistrados , a Nobreza 310  
A receber com splendido aparato

O Conde excelso em tão plausível acto.  
 Já corre o povo á praia furioso  
 A ver o novo Chefe tão famoso ,  
 Que em brilhante escalér já fluctuando  
 A' ribeira espagosa vem chegando.  
 Apenas salta em terra , me parece ,  
 Que logo o vicio esqualido estremece ;  
 Que o solido immortal merecimento  
 Ergue a fronte humilhada , cobra alento , 320  
 Descobrimdo o Meenas mais zeloso  
 Nesse Chefe illustrado , e poderoso ,  
 Que entrando vem com vivas festivaes  
 Ao travez das fileiras Marciaes.  
 Que alegre comitiva tão pomposa  
 Adorna a sua entrada gloriosa !  
 Apoz d'elle empunhando a nua espada  
 Vem marchando a Policia desejada.  
 Com ar severo , e passo magestoso  
 Vem Minerva , qual astro radioso 330  
 As luzes das sciencia derramando ,  
 E com vivos fulgores dissipando  
 Da profunda ignorancia a noite escura ;  
 A seu lado lá vem a Agricultura  
 Coroadá com mimosas , lindas flores ,  
 Offertando risonha aos moradores  
 Doces fructos , que a terra amena cria.  
 A Prudencia , que o Conde excelso guia  
 A Palacio já chega : e por cautela ,  
 Qual vigilante astuta sentinela , 340

369

A's virtudes entrada livre deixa :  
Mas com provida mão as portas fecha  
A' lisonja , ao suborno , ao despotismo ,  
A' mole impunidade , ao fanatismo.  
A vil adulação vendo-se expulsa ,  
Logo ardendo em furor , brava , e convulsa ,  
Dos frivolos adornos se despoja ,  
E por terra iradissima os arroja.  
O suborno , ministro da cubiça ;  
E fatal corrúptor da sã Justica , 350  
A' vista de tão recto , e justo Conde ,  
Deixando os Tribunaes , triste s'esconde.  
Astréa , que banida se supunha ,  
Erguendo a fronte airosa , a espada empunha ,  
Sustentando na mão com segurança  
A legal , e rectissima balança.  
A solícita Industria vigorosa ,  
Pondo a inercia em fugida vergonhosa ,  
Desvelada correndo por mil partes ,  
Uteis fabricas ergue , anima as artes , 360  
Como astuta , engenhosa directora :  
Ao som da sua voz despertadora ,  
O ocio inerte , filho da preguiça  
Do somno despertando s'espreguiça ,  
E gemendo se esconde na espessura ,  
Deixando os ferteis campos sem cultura.  
Tudo toma hum aspecto mais brilhante  
No sublime Governo dominante. . .  
Mas aonde por mão archipotente



Me vejo arrebatado incautamente? 370

Que Ninfa de immortal, gentil belleza,  
Na mão levando a nivea tocha acceza  
Por entre pavorosa escuridade,  
No Templo me introduz da Eternidade?  
Ah! sim, tu és, tu és, linda Amalthea,  
Sybilla Oriental, casta Cuméa,  
Que a meus olhos, rasgando o véo escuro,  
Me apresentas no quadro do futuro

A grande Sotteropole famosa  
Gozando a idade d'oiro preciosa, 380

Cantada por mil Vates eminentes  
Em seus versos canoros, eloquentes.  
Oh que emblemas no quadro edificante  
Diviso á luz da tocha scintilante!

Ali vejo Bellona furiosa,  
Preza ao carro da paz victoriosa,  
E de hum lado a Policia dominante,  
Conduzindo com pompa triunfante  
Pela dextra a risonha Urbanidade.

Mais ao longe a brutal Barbaridade, 390

Fugindo de temor com passo incerto  
A entranhar-se nas brenhas de hum deserto,  
De outro lado o Commercio enriquecido,  
De roçagante purpura vestido,  
Entornando com seu robusto braço

Da Bahia no candido regaço,

A curva Cornucopia de Amalthea,  
Do mais puro, estimavel oiro cheia.



No centro do painel , que se m'offrece ,  
Vejo á vivida luz , que me esclarece , 400

Os Bahianos polidos já contentes  
Engolfados em brincos innocentes ,  
Desfructando a mais doce liberdade  
Entre os braços da amavel sociedade.

Huns á sombra dos troncos mais frondosos  
Comendo bellos fructos saborosos ,

E com liquido nectar delectavel  
Mil saudes fazendo ao Conde amavel.

Outros juntos nas placidas campinas  
Já tecendo-lhe C'roas de boninas , 410

Já cantando á porfia os seus louvores ,  
Levando até ás nuvens seus favores

Sobre as azas sonoras da harmonia

Nos mais vivos transportes de alegria :

Todos abençoando com ternura

O benefico auctor de tal ventura.

Vejo em fim... Mas que Velho venerando

Nos penetraes dô Templo vem entrando ?

Com habitos de Cynica pobreza ,

E na mão a lanterna traz acceza ? 420

Será este o Diogenes famoso ,

O Cynico arrogante , que orgulhoso

Aos pés calcava o fausto de Platão ?

Sim he elle , que o palido clarão

Da esqualida lanterna levantando ,

Com Estoica irrisão vem contemplando

Dos guerreiros Heroes mais valorosos

Os celebres triunfos sanguinosos ,  
Pintados por destrissimos pinceis  
Nesses amplos , magníficos paineis , 430  
Que guarnecem de pompa respeitavel  
As paredes do Templo veneravel.  
Já perto vem de mim com ar Estoico :  
Já vê com reflexão do Conde Heroico  
O regimem benefico , espantoso  
No quadro do futuro mist'rioso :  
Mas apenas no alto do painel  
Vê do Conde o retrato mais fiel ;  
Exclama , em alegria transportado ,  
*Eis o homem por mim tão procurado !* 440  
E curvando a cabeça reverente  
De hum sopro a luz apaga de repente.  
Aqui tudo a meus olhos se escurece ,  
Toda a grata visão se desvanece.  
O' bom Conde , que bens tão preciosos  
Augurais aos Bahianos venturosos !  
Oh mil vezes feliz , ditosa gente ,  
A quem o Ceo envia hum tal presente !  
Tomai pois nessas mãos industriosas  
As redeas do governo mágestosas. 450  
Não pareis na carreira edificante ,  
Em que a passos veloces de gigante ,  
Correis ao Sacro Templo da Memoria  
Coberto de brilhante , immensa gloria.  
Realisai , pr'enchei os grandes planos ,  
As bellas esperanças dos Bahianos ,

Que sensíveis a tantos benefícios  
Lá nos tempos vindouros mais propícios  
Taes padrões erguerão á vossa gloria ,  
Q' immortal vos fará na Lusa historia : 460  
E por bocas de egregios Oradores ,  
Da eloquencia espargindo os resplandores ,  
Levarão vosso nome á Eternidade  
Sobre as azas da candida verdade ;  
E se faltão do Pindo altos Cantores ,  
Que vos possam tecer dignos louvores ;  
A gratidão fecunda dos Bahianos  
Criará Vates destros , soberanos ,  
Que nas chamas de Apollo radioso  
Accendendo o seu facho luminoso, 470  
Farão patente aos olhos das Nações  
O quadro magestoso , e verdadeiro ,  
Que de espanto encherá o mundo inteiro.  
Eu mesmo em refulgentes , gratos hymnos  
Vossos feitos de eterno aplauso dignos  
Cantando espalharei por toda a parte ,  
Se a tanto me ajudar engenho , e arte.

*Das obras de Luiz de Almeida*

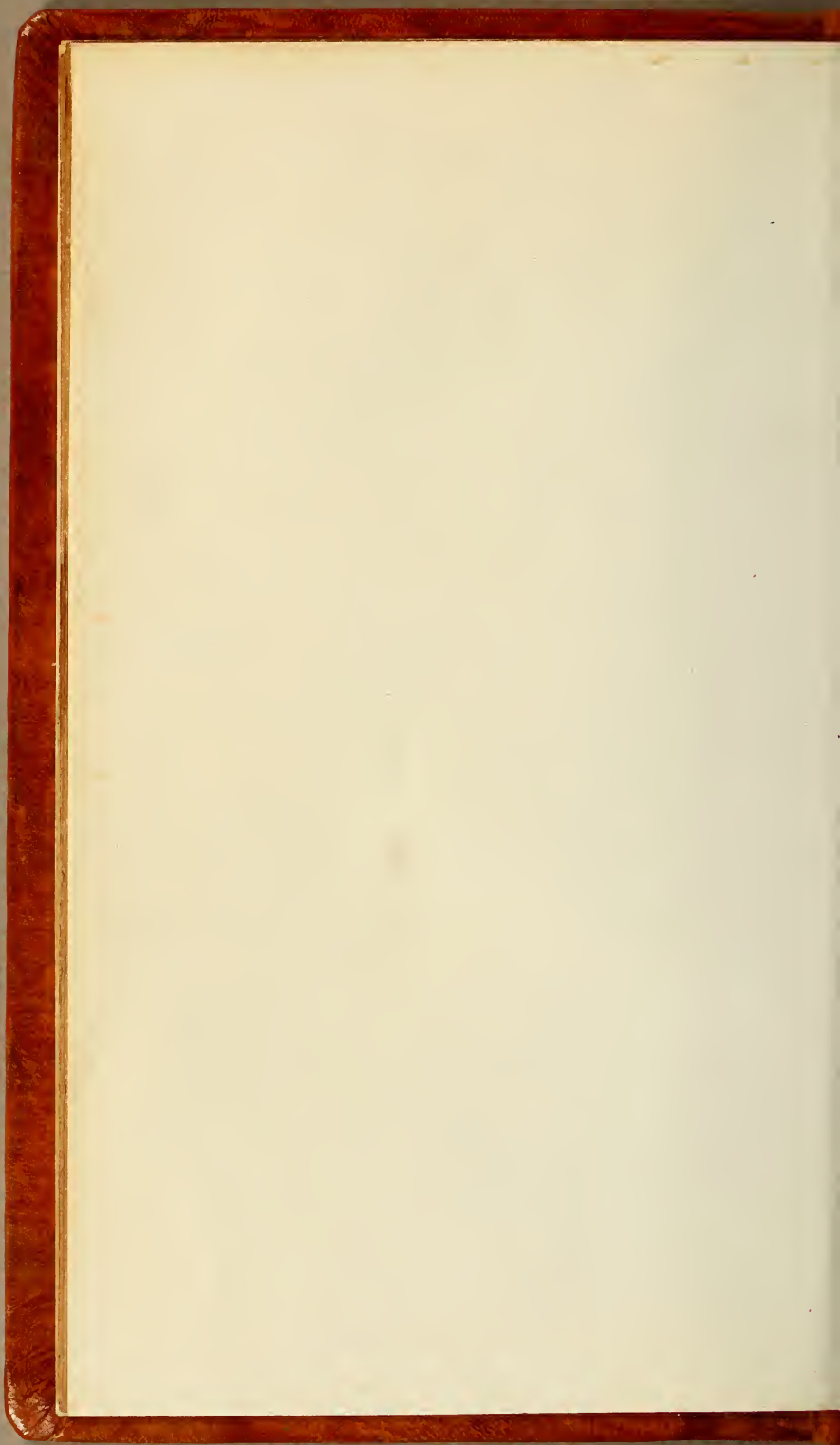


C 812  
M 1962

67-136  
R. B. Rosen-  
10-8-68







bjs



